

## VOLTANDO À ITÁLIA 25 ANOS DEPOIS DA GUERRA

(Reportagem para a Revista *Realidade*)

Em 1944 viajei para a Itália por mar, em um transporte de guerra americano, com outros 5.074 brasileiros fardados do 2º Escalão da Força Expedicionária Brasileira — FEB — na qualidade de correspondente. Não foi uma viagem confortável: meu beliche, em um camarote superlotado, ficava sobre o de um tenente bancário e sob o de um voluntoso promotor militar.

Vinte e cinco anos depois, viajo para a Itália na classe turista de um avião comercial, e meu lugar também é o do meio: estou espremido entre o fotógrafo Mamprin e um padre italiano. Eu teria mais boa vontade com a direção das companhias aéreas se os seus anúncios não apresentassem os passageiros com um sorriso de beatitude tão perfeita e tão idiota. Na revista que pego para ler, há um anúncio desses dizendo que o passageiro goza de “um perfeito bem-estar”. Não é propriamente o que sinto, com essas duas caras de homens tão perto da minha; digam o que disserem, a verdade é que não gosto de dormir com homens. A angústia é a mesma de 25 anos atrás, apenas estou mais velho e mais gordo. Ainda bem que este luxuoso pau-de-arara leva apenas uma noite do Rio a Roma. Enfim, guerra é guerra, e “se algum dia eu partir para a guerra, hei de ir bem contente e feliz”, como diz o hino.

O anúncio da revista me deprime e irrita: ao menos se a nossa aeromoça fosse parecida com aquela do anúncio, seria um consolo saber que passamos uma noite inteira sob o mesmo teto, respirando o mesmo ar pressurizado. Não se iludam: as melhores aeromoças são as dos anúncios; tenho a impressão de que, sempre que aparece uma aeromoça realmente bonita e gentil, alguma grande agência de publicidade a tira do emprego e a contrata para fingir de aeromoça.

A luz já se apagou, homens roncam e estou pensando essas bobagens e sentindo uma crescente tristeza, quando, de repente, começo a rir: lembro-me de que fui outro dia a Caxambu e vi na estrada um enorme, imundo caminhão de transporte de gado em cujo pára-choque um

gaiato escreveu a mesma frase publicitária dos novos ônibus interestaduais: "Toaleta a bordo".

O zumbido do motor me embala; cochilo pesadamente entre os outros bois.

#### O fim: Francolise

Não vou contar aos leitores a infeliz viagem que fizemos — Mamprin e eu — a Nápoles, como ele foi impedido de fotografar o porto onde os nossos soldados desembarcaram em 1944 e embarcaram de volta em 1945, nem muito menos o erro fatal que nos fez, depois de atrapalhada viagem, e aproveitando raros e preciosos raios de sol entre mil horas de chuva, fotografar não a cratera do extinto vulcão Astronia, em que bivacaram os homens do 1.º Escalão, e sim uma depressão vizinha, na localidade de Agnone, erro que só fui descobrir uma semana e 400 quilômetros depois, examinando um mapa em relevo da região. Foi uma jornada completa de dois focas, da qual só se salvou uma visita a Francolise, no caminho. "Um castelo em ruína, uma igreja, por fora toda limo, por dentro toda mofo, meia dúzia de casas velhissimas. Eis tudo." É assim que o padre Manuel Inocêncio L. Santos, capelão do 11.º RI, descreve Francolise, em cujos campos a nossa tropa esperou longamente o embarque de volta para o Brasil, depois da guerra. Ele e todos os que escreveram sobre a campanha falam do calor e da poeira sufocantes.

O castelo e a igreja continuam como eram; há algumas casas novas, mas poeira nenhuma: o campo verde é todo plantado de oliveiras, pereiras e ameixeiras. Claro que milhares de soldados e centenas de viaturas devem ter fabricado as tais nuvens de poeira. Outra nuvem a que o padre se refere — a de mulheres que acorreram de toda parte da Itália, "sem excluir a Lombardia e Veneza", para essa aldeola do sul, no louvável intuito de distrair os nossos pracinhas entediados pela longa demora do embarque — igualmente já se desfez. Francolise voltou à sua honrada paz campestre, livre dos soldados e das vivandeiras que aqui armaram "cenas tão degradantes" que o bom sacerdote chegou a ameaçá-las de um extermínio igual ao de Pompéia, onde "o vulcão enfurecido foi o gládio de fogo vibrado por Deus". Felizmente não havia nenhum vulcão por perto e Deus não quis castigar em massa os pobres soldados que já haviam feito a guerra e achavam apenas natural fazer um pouco o amor.

#### Pisa, Chiesa, Camaioire

De Roma — uma Roma que, preservando o seu centro monumental da idade antiga e do barroco, se expandiu em mil bairros novos,

e cresce sem parar — fomos subindo a península para nordeste, na costa do Tirreno: Tarquinia, onde nossa tropa acampou e de onde os rapazes da FEB partiram para suas primeiras missões; Vada, onde Churchill visitou os soldados brasileiros; Pisa, onde acampamos no outono mais chuvoso e lamacento de todos os séculos na Tenuta San Rossore, antiga reserva de caça do rei (tem duas estátuas no portão que não me lembro de ter visto naquele tempo). E por falar em Pisa, posso informar com segurança que até hoje a prefeitura não consertou aquela torre, que continua torta!

Mas vamos começar a guerra: avançamos, na elegante Fiat 124, alugada na Hertz, em direção a Vecchiano e Filetole, bordejamos o Lago Massaciucoli e nos detemos junto à estátua de Garibaldi, em Chiesa, depois vamos almoçar no Paradiso, um elegante restaurante novo-alguns quilômetros morro acima, no Monte Comunale, que nos soldados subiram sob a chuva e os estrondos da artilharia, em 16 de setembro de 1944. No mesmo dia, outros homens do 6.º RI entram em Massarosa, que mal vemos aqui do monte, meio escondida por uma colina: avistamos Chiesa, o Massaciucoli, Torre del Lago e, lá para noroeste, à distância, junto do mar, Viareggio. É a primeira vez que venho por estes lados: quando os soldados do 1.º Escalão avançavam por essas estradas, ainda estávamos no Rio, e entramos a bordo do navio-transporte no mesmo dia em que o capitão Ayrosa entrou em Camaioire, a 18 de setembro de 1944: até então, o governo entendia que só convinha permitir a viagem dos rapazes do DIP, nada de correspondentes de jornais; as ditaduras desconfiam da imprensa, e têm lá suas razões. Só me resta, assim, imaginar o que foi essa progressão meio atabalhoada de nossos homens atrás de um inimigo que recuava atirando de canhão e morteiro e destruindo pontes.

Em Massarosa, um bando de jovens enche a praça — é domingo — mas nesta viagem não falaremos com jovens: eles não existiam quando os pracinhas brasileiros entraram aqui distribuindo chocolates e caramelos, como recorda, com um sorriso, o primeiro senhor de certa idade que abordamos, e que explica:

— Me lembro muito bem, foi no dia de meu aniversário, eu fazia 11 anos.

Em Camaioire, perguntamos por Avelito Breschi; o sujeito a quem perguntamos não o conhece, mas um homem mais velho e aparentemente meio bêbado, que ouvia a pergunta, quer saber por que procuramos Avelito Breschi.

— Avelito Breschi! Há muitos anos ele não mora mais aqui. Avelito Breschi! — ele fala com certa hostilidade.

Explicamos que somos um repórter brasileiro e tomamos nota da quele nome, porque ele era prefeito (*sindaco*) de Camaioire quando os brasileiros chegaram aqui.

*Sindaco*? Bem, era provisório, era um comunista, não um prefe-

to de verdade, era um daqueles sujeitos que tomaram conta de tudo e queriam fuzilar todo mundo depois que os alemães saíram e a tropa brasileira chegou. Dessa conversa deduzimos que o velhote deve ter passado seus apertos após a libertação de Camaioire, e é eternamente grato ao Comando Brasileiro, que, naturalmente, procurou evitar execuções sumárias... Ele mostra-nos o antigo Palácio do Fascio, onde se instalou o Posto de Comando brasileiro. Lembramos a história que o hoje general Ayrosa nos contou: 18 moças da sociedade local foram encarregadas de cuidar do palácio, mas a confraternização com nossos soldados foi tão violenta que o comandante do destacamento achou prudente dispensar essa ajuda. Os festejos da libertação foram interrompidos pela artilharia alemã, que das alturas vizinhas começou a bombardear a cidade.

Foi no dia 21 de setembro que tombaram os primeiros mortos em campanha: os soldados Afrlio Piffer, paulista de Amparo, e Constantino Marochi, paranaense de Campo Largo. Logo depois, aqui ao lado de Camaioire, nessa linda aldeia de montanha que é Nocchi, morreram o sargento Névio Baracho dos Santos e o soldado Antenor Guirlanda. Aquela bela montanha para o lado do nascente é o Monte Prano, que o tenente Mário Cabral de Vasconcelos andou vasculhando com uma atrevida patrulha, mas que os alemães só deixariam quando, após alguns dias de luta, os homens do 6º RI conquistaram as outras elevações mais para leste: Valimona, Acuto, Pruno...

#### No Vale do Serchio

Quando Egídio Squeff e eu visitamos pela primeira vez a linha de frente, em outubro de 1944, o destacamento da FEB havia sido deslocado mais para leste, para o Vale do Serchio; é a este mesmo que eu e Mamprin remontamos hoje, neste começo de primavera de 1969.

Um pouco além de Borgo a Mozzano, a estrada, acompanhando o rio, faz uma grande curva, antes de Ponte a Calavorno e aqui peço ao Mamprin para parar o carro e ler este trecho de um artigo do capitão da reserva Túlio Campello de Sousa, naquele tempo comandante de um pelotão de fuzileiros, em que ele fala de dois soldados seus, José Soek, filho de polacos, natural de Araucária, Paraná, grande, de aparência rústica, olhos claros, calado e humilde, e Cesário Aguiar, paulista, que falava pelos cotovelos e fazia rir a todos:

“A estrada fazia uma curva fechada para a esquerda, e nesse ponto uma ponte ligava-a à localidade de Ponte a Calavorno, à direita e do lado oposto do Rio Serchio. Alguns minutos depois de atingir esse lugar, o pelotão passou a receber fogo de metralhadoras, vindo de dois pontos: de um ponto à frente, nas ele-

vações do lado oposto do rio, e de um local à direita, também em outras elevações na margem oposta do rio. Tínhamos diretamente à frente um enorme buraco, feito por dinamite e que terminava nas águas do Serchio. À esquerda, um barranco íngreme, protegido por uma parede de pedra e coberto por um bosque de castanheiros. À direita, o Rio Serchio. Estávamos numa estrada pavimentada a asfalto, incapaz de oferecer qualquer abrigo, e, depois de algum tempo, passamos a receber também fogo de morteiros alemães.

A confusão causada por um ataque numa ratoeira como aquela — e como eram peritos nisso os alemães — é enorme. Consegui destacar alguns soldados para subir o barranco à esquerda e guardar aquele lado, por onde poderiam vir elementos inimigos. Com um Grupo de Combate respondendo ao fogo, tratei de cobrir o pelotão e fazê-lo recuar daquele lugar tão precário. Conseguimos recuar, tendo gasto bastante munição, com seis homens feridos e um morto. O morto era José Soek, fuzileiro-atirador do GC que ficara cobrindo a retirada dos outros. Junto com o sargento comandante do GC — Abrão Silveira Dias — esse soldado não parou de responder ao fogo inimigo, calmo, eficiente, bravo. O sargento Abrão foi ferido no joelho e na coxa. Chorou um pouco, de pura raiva, e não parou de atirar e dar ordens aos seus homens.

Tendo o resto do pelotão conseguido retirar-se, dei ordem aos três ou quatro homens do grupo do sargento Abrão para também abandonarem aquele lugar. E nessa retirada, rastejando pelo asfalto daquela estrada italiana, é que José Soek foi atingido por tiros de metralhadora na espinha dorsal, que o paralisaram no pavimento e o tornaram alvo fácil para as balas que lhe perfuraram a cabeça. Morreu com todo o seu equipamento e ainda abraçando o seu BAR (Browning Automatic Rifle), que ele manejava tão bem e que sempre conservava cuidadosamente brilhante e bem lubrificado...

Foi ele o primeiro morto do pelotão, e sua morte calou fundo no espírito de todos nós, inexperientes ainda da total extensão do horror da guerra.

No dia seguinte, 1º de outubro, voltando em pequena patrulha ao local do entrevero da véspera, fomos mais uma vez alvo das metralhadoras alemãs. O primeiro atingido foi o soldado Cesário Aguiar, que morreu cerca de cinco metros à minha esquerda, sem ter tempo de disparar um só tiro contra os alemães.”

Capitão Dr. Túlio Campello de Sousa, Pindamonhangaba: aproveitei nesta reportagem este trecho de seu depoimento, mas em comunicação posso lhe dar notícias de gente que o senhor estima: subindo

de Marano para Santa Maria Villiana, dei uma chegada em Volpara, estive na casa dos Tartarini, o *Fatume* estava lá fora podando umas árvores, D. Ermina nos fez entrar e nos deu um copo de vinho, disse que o seu filho padre, Dom Bruno, esteve lá outro dia, e nos contou da alegria de todos, naquela casinha perdida em uma aldeia dos Apeninos, quando souberam que aqui tão longe, em São Paulo, "o nosso tenente" se casou! Ela mostrou-nos, lá fora, um pouco acima de Africo e de Braine, a cota 822, onde o senhor pisou naquela mina; disse-nos também que o "nosso capitão" (João Augusto Los Reis, Rua Tupi, São Paulo) "agora é general". E queria que nós dois, eu e Mamprin, ficássemos lá, para o almoço, porque somos dois brasileiros e brasileiro é *brava gente*, é gente boa! A alegria daquela velha camponeza nos fez bem, capitão Túlio.

### O almoço do general Zenóbio

Mas continuamos a subir pelo Vale do Serchio e paramos para almoçar em Bolognana, onde um pelotão da 7ª Companhia surpreendeu uma patrulha alemã, matando quatro e prendendo um ferido. Logo chegamos a Gallicano e atravessamos o rio para subir até Barga. Coisa mais fácil de fazer hoje do que naquele tempo, pois ali em Galliano a 1ª Companhia perdeu cinco homens: quatro deles, um sargento, um cabo e dois soldados, apareceram no fim da guerra, pois tinham sido feitos prisioneiros pelos alemães, mas o tenente Manuel Barbosa da Silva, filho de um Severino, de Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco, dado como extraviado, havia morrido em combate em 22 de outubro de 1944.

Foi alguns dias depois disso, em 30 de outubro, que Squeff e eu visitamos pela primeira vez a frente. Lembro-me bem quando nosso jipe transpôs o portão da cidade murada de Barga, "burgo agrícola situado a 410 metros de altitude sobre um terraço dominando o vale — bela vista sobre os Apeninos e os Alpes Apuanos", como diz o *Guide Bleu* de 1968, que hoje levo na mão.

A ruazinha estreitíssima dava exatamente para passar um jipe, e a "bela vista" já existia naquele tempo. Quem nos apresentou a essa linda paisagem de montanhas, que hora revemos, foi o general Zenóbio da Costa:

— Ali à direita é Catagnana; mais além, onde se vê aquela torre no alto de uma colina, é Sommocolonia; ainda mais além, Lama di sotto. Lama di sopra...

Depois mostrou à nossa frente, do outro lado de um vale, quase na mesma altitude, Albiano e, para trás, mais para a esquerda, o Monte San Chirico, Battosi...

Perguntei qual o objetivo do ataque que ele nos anunciava, e o

general respondeu que era Castelnuovo di Garfagnana, que não se via dali. Mostrou-nos o lugar no mapa de 1 por 25.000, idêntico a este que tenho agora, comprado em uma papelaria de Lucca. Vi que em Castelnuovo havia muito cruzamento de estradas, achei que ficava longe, perguntei quem mais ia tomar parte no ataque, além do pequeno destacamento da FEB. O general respondeu que ia atacar com um batalhão do 6º RI, e, como notasse um ar de dúvida em minha cara, me bateu no ombro, dizendo para mim e para Squeff, com aquele seu jeito rude e generoso:

— Meninos, vocês vão almoçar comigo amanhã em Castelnuovo di Garfagnana!

Tive o prazer de almoçar mais de uma vez, depois disso, no PC do general Zenóbio, mas em Castelnuovo di Garfagnana jamais almocei: jantei e dormi agora, 25 anos depois: os nazistas ficaram lá até o fim da guerra e não só repeliram mais tarde um ataque bem mais forte de uma divisão de negros americanos, como ocuparam novamente Barga.

Lembro-me bem daquela manhã do 30 de outubro; visitei uma bateria de artilheiros ingleses que ajudava nossa tropa: estive, do outro lado do vale, no PC de uma companhia que estava partindo para o ataque. Tive de ir a pé, dando lanços, cada homem a 20 metros do outro, pois o inimigo estava muito perto, ali no alto. Era um terreno difícil, cheio de lama e pedras, cortado de torrentes. Releio meu livro, *Crônicas de Guerra*:

"Poucos minutos depois, ficamos sabendo que a unidade que avança pela esquerda entrou em contato com o inimigo: as metralhadoras começam a cacarejar. Distinguimos as metralhadoras alemãs pelo som de suas rajadas curtas e fortes. Agora, essa explosão deve ser do morteiro... Cai granizo, o frio aperta, depois a cerração começa a sumir. Outra unidade nossa tem ordem de avançar. Os homens correm para a frente, um a um, atravessando às pressas os trechos descobertos... Terão de descer uma ravina, depois galgar a montanha."

Naquele dia sentimos o alvoroço da vitória: quando voltamos ao PC do general, todas as notícias que chegavam da frente eram boas, e a todo momento desciam prisioneiros italianos. Ao sair, bati, para pedir água, à porta de um convento de freiras:

"Em minha frente há um quadro flamengo do século XVI. A Senhora sustenta no braço o Menino, que segura os dedinhos do pé esquerdo com a mão direita. É uma tèmpera, e sua graça inesquecível se destaca entre vários óleos medíocres com retratos de mártires."

Encontro agora facilmente o mesmo convento, bato à porta, sou recebido por uma pequena freira solícita, explico a minha história, mas é em vão que eu e Mamprin rodamos por salas e corredores à procura daquele quadro que me impressionou: há muitos retratos de mártires e algumas Madonas, mas aquele do Menino que segura o dedinho do pé não está em parte alguma. Explicam-nos que não vive mais nenhuma freira daquele tempo, que não sabem que fim terá levado o tal quadro — houve tanta confusão na guerra....

Em volta do burgo antigo há uma cidadezinha moderna, que já começava a crescer naquele tempo e agora se espalha ainda mais por colinas e ravinas. Lá embaixo, dobramos à direita, descemos um vale para o outro lado de uma torrente, subimos até Sommolonia. A aldeia, em um cimo, é toda cor de pedra, mas há uma construção recente de cor avermelhada: é o novo Ristorante Castello. Meia hora depois, quando chegamos ao outro extremo de nossa antiga linha de frente, temos de fazer perguntas a muita gente para saber onde é o Monte San Chirico: todo mundo o conhece agora pelo nome do vasto e elegante hotel em cujo restaurante almoçamos, Il Ciocco. É um hotel procurado por veranistas e caçadores, tem piscina, quadra de tênis, jardins. Assim, o surto do turismo italiano vai enchendo de restaurantes, hotéis e bares esses pedaços de montanha que eram os "pontos cotados" que nossos homens tiveram de galgar, penosamente, sob a metralha, 25 anos atrás.

Enquanto um *maître* cerimonioso se curva para nos entregar o menu de Il Ciocco, olho as árvores de uma colina lá fora, pensando que aqui tombou morto, naquela madrugada de 31 de outubro, o aspirante José Jerônimo de Mesquita, um estudante de medicina de 20 anos de idade, filho de uma família ilustre, nascido no Estado do Rio, e o sargento Geraldo Berti, também da 7ª Companhia, filho de Caçapava.

É impossível determinar o ponto que os relatos da guerra chamam de Colle: quando subimos a montanha, depois do almoço, interrogamos em vão os camponeses. "Colle" em italiano quer dizer colina, e se diz Colle San Chirico, abrangendo toda essa montanha que vai subindo para nordeste, inclusive Battosi. Temos de deixar a Fiat e subir a colina a pé; encontramos uma dessas casas de camponês, de três andares, construída no declive, cujo andar térreo geralmente serve para abrigar os animais durante o inverno, e em que muitas vezes a gente pode entrar pelo morro diretamente no segundo ou terceiro andar; foi numa casa assim que ficaram isolados, naquela madrugada de pânico, 17 homens da 3ª Companhia, comandados pelo sargento Joel Carlos Borges, de Campinas; um deles, Hamilton da Silva Costa, de Moji das Cruzes, morreu em combate; outro, João Sant'Ana, de Jacaré, o "Bígode", conseguiu escapar depois de preso, rolando morro abaixo sob intensa fuzilaria; os outros foram todos feitos prisioneiros, inclusive Eliseu de Oliveira, que haveria de contar depois em livro suas aventu-

ras no campo de prisioneiros de Moosburg e seu trabalho de remover escambros em Munique, depois das noites de bombardeio... Ou talvez a casa em que eles foram presos (depois de matar vários alemães, inclusive um oficial) seja mais acima, e esta aqui seja aquela em que se passaram horas de angústia os capitães Atratino e Aldenor e mais poucos homens, aquela junto à qual tombou, quando protegia a retirada dos outros, o tenente José Maria Pinto Duarte, um carioca alto e atraído cujo corpo o capitão Atratino veio buscar aqui, logo que a guerra terminou.

Aqui e mais além, para leste, na frente da 1ª e da 2ª companhias, os alemães contra-atacaram pela madrugada, aos gritos de *Heil Hitler!* — e a bela vitória do dia 30 mudou-se em desastre no dia 31, desastre dentro do qual houve lances de bravura e também de pânico, na escuridão dessas isoladas casas de pedras da montanha. Aqui e ao longo dessa crista avultaram, na hora da verdade, homens como o sargento Romano, que tomou o lugar do aspirante Mesquita, e o tenente Albout Carrão, que resistiu a furiosas investidas depois: no dia seguinte àquele do avanço feliz, tentei em vão voltar à frente. Disseram-me que os correspondentes não podiam ir à frente porque a nossa tropa ia ser roçada para leste, para o Vale do Reno, o que era verdade, mas não era toda a verdade.

Voltamos a Il Ciocco para pegar nosso carro e eu olho melancolicamente essas colinas sob a chuva, quando um rapaz do hotel me diz que "isto aqui é bom no tempo da caça". É um rapaz de 18, 19 anos, e talvez nem saiba que aqui mesmo onde estamos, um dia, num tempo já distante, houve homens caçando homens; o que não é bom.

### Em Pistóia

*Esta terra sagrada foi sepultura dos soldados brasileiros mortos no campo da honra pela dignidade da pessoa humana.*

Assim está escrito no monumento aos soldados brasileiros mortos na campanha da Itália, no lugar que foi o nosso cemitério militar, um campo entre oliveiras, perto da Igreja de San Rocco, em Pistóia.

A terra sagrada escapou de virar plantação de cebolas ou campo de futebol porque, depois que os corpos foram trasladados para o Rio, em dezembro de 1960, houve um período de incertezas; diante da inação de nossas autoridades, é natural que alguém em Pistóia reivindicasse o terreno para outros usos. E a idéia de um monumento foi, entretanto, avante, e em boa hora o projeto foi encomendado ao arquiteto Olavo Reidig de Campos, que fez um trabalho expressivo, mas sóbrio.

Quatro cedros prateados e muitos ciprestes orlam o retângulo em

que há um jardim de pedras e flores. O monumento foi inaugurado em 7 de junho de 1966; em 7 de junho de 1967, foi a ele recolhido mais um morto, não identificado, cujo corpo foi encontrado em Montese. O subtenente da reserva Miguel Pereira, antigo combatente, que se casou com uma jovem italiana, é o encarregado de zelar pelo monumento, onde palpita uma chama perene; quatro guardas de Pistóia revezavam-se na vigília de 24 horas por dia, e há também um jardineiro.

O gaúcho (de Santa Maria da Boca do Monte) Miguel Pereira mostra-nos o monumento, e quando batem as seis horas, nos convida a recolher a bandeira brasileira, que é hasteada diariamente às oito da manhã. Na pequena construção ao lado, onde estão algumas lembranças da guerra e o livro dos visitantes, ele gostaria de ter uma fotografia grande, boa, do Monumento aos Pracinhas do Rio. Diz que antigamente, todo Dia de Finados vinha alguém do Brasil — um oficial, uma viúva de guerra, um mutilado, um corneteiro, uma enfermeira... — trazer flores de nossa terra para os mortos. Depois que os corpos foram removidos, isso não se fez mais; agora, que um soldado brasileiro desconhecido descansa ali, ele acha que essa prática piedosa deveria ser retomada. Aqui fica a sugestão para as associações de ex-combatentes: flores, no dia dos mortos, para o nosso pracinha solitário e anônimo que ficou na Itália.

Visitamos o antigo QG Recuado na Piazza San Lorenzo, onde tantas vezes dormimos — os correspondentes Raul Brandão, do *Correio da Manhã*, Egdio Squeff, de *O Globo*, Joel Silveira, dos Associados, Thassilo Mitke, da Agência Nacional, Harry Bagley, da Associated Press, Allan Fisher e Frank Norall, da Coordenação de Assuntos Interamericanos, e eu, do *Diário Carioca*. O velho quartel bombardeado é hoje uma grande fábrica de móveis; ali junto, estranhemos alguma coisa no antigo hospital que a certa altura acolheu feridos e doentes brasileiros, o Ospedale del Ceppo, uma construção que vem da Idade Média. É que durante a guerra havia sido coberto e protegido o friso de terracota esmaltada de Guido della Robbia que desde o século XVI embeleza a fachada.

Pistóia é hoje uma cidade de 90.000 habitantes — três vezes mais, que em “nosso” tempo — que tem sempre um *sindaco* (prefeito) comunista. Sua eleição é assegurada pelo grande número de operários (só a Breda tem mais de 5.000) e outros trabalhadores; além disso, o PC italiano costuma receber muitos votos de gente da classe média, devido à sua tendência reformista.

### Em Florença

Para muitos pracinhas, nenhum nome de cidade é mais doce que Florença — três dias de férias, com certo conforto, entre duas rudes

temporadas de *front*. A guerra já passara por aqui quando a FEB veio, e destruiu todas as pontes, menos o Ponte Vecchio, mas causou menos prejuízos artísticos que a inundação de novembro de 1966. É bem mais bela a Florença de hoje que a de 25 anos atrás, com todos os museus abertos e as coleções completas (na guerra, as mais preciosas obras de arte estavam enterradas ou recolhidas ao Vaticano), mas, embora tenha crescido, a cidade se mantém sabiamente longe dos 500.000 habitantes. Não tive dificuldade em encontrar o hotel do 5º Exército, onde às vezes nos hospedávamos, nem o hotel privativo dos oficiais brasileiros, o Melegnano, na esquina das ruas Miaso Finiguerra e Borgo Ognissanti. Este mudou de dono e diminuiu de conforto: uma agência de banco ocupa hoje boa parte do andar térreo. O hotel dos pracinhas, o Nazionale, continua com os mesmos donos, no mesmo local, na Piazza Santa Maria Novellalla, e lá nos perguntaram pelo capitão La Roque; e o empregado Pietro Galassi, que era rapazinho naquele tempo, se lembra da brincadeira do sargento Werneck, que lhe deu a beber guaraná, mas com cachaça, dentro, produzindo o primeiro e maior pi-fão de sua vida.

Foi num dia assim, no começo da primavera, que levei Grazia Maria a passear; dispensei o jipe, aluguei uma charrete, atravesssei a ponte, subimos a uma colina do outro lado, e a alegria brilhava em seus olhos de menina. Ela devia ter sete anos; sua mãe tinha 31, 32... Talvez ainda viva, na casa que era sua, naquela rua cujo nome não esqueci. Mas não procurei a mãe de Grazia Maria. Entre nós dois aconteceu algo pior que a guerra e as inundações: o tempo, o humilhante, o implacável tempo...

### Em Porretta

Na gria baiana, um quadro bonito é um quadro “porreta”, um sujeito ótimo, é um sujeito “porreta”, e assim por diante “porreta” é sempre um elogio. Para os homens da FEB, Porretta (Porretta Terme, Termas de Porretta) é uma espécie de capital do território da guerra. A pequena estação de águas à margem da Estrada 64, que liga Pistóia a Bolonha e atravessa toda a Itália de sudoeste para nordeste (a “Porrettana”), foi durante muito tempo sede do QG Avançado. Foi ali, no vale do Rio Reno, que a FEB começou a atuar como uma divisão, de novembro de 1944 até abril de 1945 — o fim do outono, o inverno inteiro e o começo da primavera.

O QG era lá no fundo, junto à montanha, no Hotel das Termas, e o inimigo parecia saber disso: durante quatro meses, um grupo de artilharia calibre 170mm, que nunca foi localizado, mantinha sobre Porretta o que os militares chamam de “fogo de inquietação”, isto é: atirava de vez em quando, sem ritmo certo, a qualquer momento, às ve-

zes uma só granada, às vezes três seguidas, depois um intervalo de meia hora, depois duas, depois um intervalo de 10 minutos, depois uma granada, depois um intervalo de hora e meia, e então mais quatro granadas...

— Se o alemão pensa que isso é fogo de inquietação, a verdade é que eu por mim estou sempre muito inquieto... — dizia, sorrindo, o major Vernon Walters em uma daquelas longas noites de bombardeio intermitente.

A gente ouvia um ruído surdo (boca-de-fogo, acho que é a expressão militar), um ruído distante, como se alguém tivesse feito "ran" com a garganta, e contava até nove; vinha então uma explosão tremenda, que abalava tudo, e logo depois um estralhar de árvores, que era a chuva dos estilhaços. Depois era apenas o murmúrio do rio nas pedras, às vezes um sussurrar de vento, às vezes o motor de um caminhão, e de repente, no meio da conversa, baixo, mas inconfundível, aquele "ran" abafado, longínquo, que nosso ouvido aprendia a distinguir de qualquer outro ruído. Se o cansaço vencia a tensão nervosa e a gente dormia, ainda dormindo ouvia confusamente aquele "ran", e logo o corpo saltava ou se contraía com o deslocamento da explosão.

Depois de Pistóia, nós, os correspondentes, passamos a morar em Pavana, uma aldeiazinha sossegada à margem da estrada, mas por um motivo ou outro dormi algumas noites em Porretta; não tenho saudades de nenhuma delas.

A explosão que matou mais gente em Porretta não foi, entretanto, um tiro de canhão; foi uma bomba lançada por um avião que desceu furtivamente, o motor desligado para iludir a defesa antiaérea, e atingiu o edifício da cadeia civil. Matou 27 pessoas, sendo 13 da família do carcereiro, 12 refugiados que haviam passado a linha e que estavam detidos para serem interrogados pelo nosso Serviço de Contra-Inteligência (porque era assim, como *sfollati*, que os espíões trançavam de um lado para outro), e dois soldados brasileiros que no momento estavam diante da cadeia. Essa cadeia é uma construção antiga, e sua fachada severa, que não foi afetada pela bomba, dá para uma ruazinha estreita e torta: os dois soldados que estavam ali e mais uma criança de colo foram jogados, mortos, sobre o telhado da casa fronteiriça, num voo vertical de muitos metros, produzido pelo deslocamento de ar no beco. Nessa casa fronteiriça é que estava instalado o Serviço de Contra-Inteligência do capitão Alvaro.

A cadeia continua a ser cadeia, e quem toma conta dela agora é uma prima do carcereiro Ugo Benassi, que também foi vitimado pela bomba. Ela é uma sobrevivente da explosão e nos tratou muito bem quando batemos à sua porta, mas não quis nos receber ali, insistindo em ir ao nosso hotel ou se encontrar conosco em um restaurante. Da segunda vez em que nos encontramos, insisti em conversar no local do sinistro, até que notei o jeito guloso com que ela olhava o Mamprin,

a essa altura já francamente aterrorizado com a perspectiva de cair nas garras de uma carcereira... Desistimos da entrevista, mesmo porque ela trazia consigo uma amiga igualmente gorda, feia e... pedicura.

### A Estrada 64

Saimos de Porretta, rodamos alguns quilômetros, e aqui estamos a atravessar a ponte de Silla. Durante a guerra havia uma permanente nuvem de fumaça, fumaça de óleo que os americanos queimavam para ocultar a ponte dos olhos do inimigo. E isso era bem necessário: da margem direita do Reno, onde vamos para tirar uma fotografia, a gente vê ao longe, lá no alto, além de Gaggio-Montano, a linha de serras que os alemães ocupavam, desde a Capela de Ronchi até o Castelo.

Passada a ponte, as placas da rodovia apontam o caminho do *front* que nossos homens subiram penosamente tantas noites de inverno; mas tocamos em frente pouco mais de sete quilômetros e nos detemos em Marano. Há uma ponte nova e não conseguimos atinar bem com o lugar do *by-pass* que a gente atravessava sob os olhos do alemão montado no Sopressasso. Se o jipe ia depressa, havia o perigo de escorregar na lama ou na neve e despencar no abismo; se ia devagar, dava tempo para o alemão corrigir a mira. Lembro-me de um dia de inverno em que passamos esse riacho entre estouros de granadas abaixo e acima de nós; quando, já do outro lado, ficamos protegidos em ângulo morto por uma colina, o correspondente Squeff suspirou e olhou o relógio do pulso, dizendo:

— O que vale é que meu relógio é antimagnético!

Outra brincadeira que ele fazia era recitar, quando a gente se aproximava da maldita pinguela: "Aqui tombaram de Marano os bravos..." ou então uma frase que parece que é do *Buriti Perdido*, do velho Ari- nos: "Aqui começa o sertão chamado bruto". Mas sua frase mais desastrada foi depois que o general Cordeiro de Farias nos explicou, com paciência e minúcia, o funcionamento de uma nova peça de artilharia: "Sim senhor, o que é a natureza!"

Depois de Marano vamos a Riola. Do outro lado do rio vejo o imponente Castelo de Rochetta Mattei, onde Squeff e eu levamos Joel Silveira em sua primeira visita à frente, e um enorme fragmento de grana- nada entrou pela janela, passou entre nossas cabeças e se encravou na parede em frente. O coronel Penha Brasil, que encontramos na estrada, dissera:

— Cheguem ao castelo às quatro e meia, o mais tardar; é a boa hora.

Era a hora em que os alemães costumavam atirar mais...

Montilocco é um lugarejo de cinco ou seis casas, a 915 metros de altitude, entre colinas cercadas de árvores — carvalhos tortos que dão bolotas para os porcos, castanheiros, cerejeiras, macieiras. O dono de uma casa é Aldo Zaccanti, hoje com 69 anos de idade. Abre um sorriso quando sabe que somos brasileiros; sim, lembra-se da guerra. Os alemães estiveram muito tempo aqui; depois, lá pelos fins de novembro de 1944, vieram os americanos, que chegaram a tomar aquela montanha (o Belvedere, a 1.139 metros de altitude), mas depois recuaram e se entrincheiraram aqui. Sim, foram os americanos e não os brasileiros que primeiro ocuparam Montilocco; os brasileiros chegaram aqui em meados de dezembro e substituíram uma tropa de negros americanos.

— Mas antes disso veio um tenente brasileiro com uma patrulha...  
— Esse tenente morreu aqui! Venham cá.

Aldo Zaccanti mostra-nos, pouco abaixo do grupo de casas, o lugar preciso em que tombou morto o primeiro-tenente Amaro Felicissimo da Silveira, no dia 20 de novembro de 1944. Amaro nasceu em Belo Horizonte, mas vivia no Rio; era da reserva da segunda classe e fez o CPOR na Faculdade de Medicina, que cursou até o quarto ano. Era funcionário da Prefeitura e casado com D. Rute Albuquerque da Silveira, residente na Rua Anchieta, 24, no Leme. Pertencia ao Esquadrão de Reconhecimento e naquele dia 20 de novembro comandava a sua primeira patrulha; a missão era reconhecer as posições inimigas. Os guerrilheiros tinham dito que havia alemães naquelas casas de Montilocco. Ao se aproximar, Amaro dispôs seus homens e avançou até cerca de 50 metros de uma casa. A patrulha foi, então, alvejada por fogo de armas automáticas.

— Os alemães atiravam da casa?

— Não. Eles estavam naquele morro ali à direita, e também nesse outro aqui atrás. Era dia claro, de tardinha, e eles só vinham para dentro das casas à noite, por turnos, para dormir.

Quando a patrulha foi alvejada pelo fogo de metralhadoras, o tenente Amaro deslocou-se um pouco para a direita, galgando a encosta em companhia dos cabos Alzemiro Nunes e Dorcelino da Silva. Ia se abrigar atrás de uma árvore quando foi atingido por uma rajada e caiu. A princípio, o sargento Jesus Campos, que estava com alguns homens um pouco mais à direita, julgou que o tenente houvesse deitado para se abrigar. Como, porém, ele não desse nenhum sinal, mandou até lá um homem. Esse homem foi o bagageiro do tenente, o soldado Vicente Bernardino de Sousa.

“Sei que Vicente estará ao meu lado na hora do maior perigo”, escrevera dias antes o tenente no seu diário.

Vicente deu um lance e se aproximou de Amaro, vendo então que

ele estava morto. Quis puxar o seu corpo, mas os alemães abriram fogo novamente. Depois de algumas tentativas, e verificando que o tenente estava mesmo morto, Vicente retirou-se entre rajadas de metralhadora. Pouco depois, o sargento Jesus dava ordem de retirar. A patrulha cumpriu sua missão, mas perdera seu comandante.

Cerca de uma semana depois, os americanos conquistaram a posição, mas os alemães haviam enterrado o corpo de Amaro atrás da casa. Depois veio o inverno e cobriu tudo de neve. Só meses depois, o corpo foi encontrado e levado para o cemitério de Pistóia.

Em abril de 1945, este repórter visitou as posições do Esquadrão de Reconhecimento e acabou dormindo por lá. Pela manhã, os homens formaram debaixo de algumas árvores, e o comandante, capitão Plínio Pittaluga, falou:

— Antontem, dia 4 de abril, fui a Pistóia com um tenente e 12 praças assistir ao sepultamento do tenente Amaro Felicissimo da Silveira. Todos vocês conheceram o tenente Amaro e sabem como ele morreu. Ele veio para a FEB como voluntário. Afastado da relação de embarque, fez tudo para ser incluído. Aqui, trabalhando como meu auxiliar na Manutenção, ele insistiu em ir para um pelotão. Queria as missões mais difíceis, queria estar com vocês nas horas de maior perigo... O capitão prosseguiu:

— Um homem que odiava o nazismo e toda espécie de fascismo... que sua morte sirva para ajudar a criação... um mundo melhor... a lembrança de seu exemplo... contra o nazismo, pela liberdade... um minuto de silêncio.

Lembro-me de que um tenente me falou do ordenança Vicente:

— Ele tinha uma verdadeira adoração pelo Amaro e era um soldado excelente... depois disso, caiu... o capitão mandou ele trabalhar na cozinha...

Aldo Zaccanti aponta-nos os cumes do Monte Belvedere, Santa Filomena, o Gorgolesco. Convida-nos para entrar, tomar *un bicchiere di vino*. Na verdade, tomamos mais de um copo: o vinho é feito por ele mesmo, e queremos conversar, *chiacchierare un pò*.

Os brasileiros que estiveram em sua casa? Lembra-se do sargento Nilo e do mulato Balduino. Balduino vivia dizendo que ia levar sua filha Dorina para o Brasil; queria se casar com ela... Mas Dorina casou-se logo depois da guerra com um italiano mesmo: Aldo Zaccanti mostra-nos uma fotografia do casamento de sua filha em Gaggio-Montano. O sargento Nilo era um ótimo tipo, disseram-lhe que havia morrido ali perto mesmo, quando ele esteve fora...

Na verdade, o sargento Nilo de Morais Pinheiro, do 2º Pelotão da 8ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria, natural de Ipatinga, Minas Gerais, tombou pelas 10 horas da noite do dia 3 de fevereiro de 1945, atingido por estilhaços de granada quando tentava colocar nos postos os homens de seu grupo, para resistir a um súbito golpe



de mão dos alemães. Era um veterano de patrulhas, e ficou famosa a que fez em 29 de dezembro de 1944 com o cabo Gil, o soldado Marocco e mais quatro homens até as alturas do Gorgolesco, e que atacou uma casamata alemã envolvida na neve, matando um sargento e prendendo um suboficial e três praças. Nomes dos patrulheiros: Gil Cassemiro da Silva, Ricardo Fantini, José Manoel Marocco, Aníbal dos Passos, Lair Teixeira de Souza, Mário Prates Teixeira.

Agora, pela janela da casa de Aldo Zaccanti, olhamos a paisagem desse fim de inverno, pensamos nos homens que lutaram, sofreram e morreram entre essas montanhas — 24, 25 anos se passaram. A casa hoje tem instalação elétrica, como quase todas essas casas de camponezes nas montanhas; os aparelhos eletrodomésticos da indústria italiana, inclusive a televisão, começam a invadir Montilocco. Mas esse queijo que Aldo nos traz é também, como o vinho, feito aqui, com o leite das gordas *mucche*; e também essa lingüiça, também esse pão: *maciniamo il grano nostro e lo facciamo noi il pane...*

“Moemos nosso trigo, fazemos nosso pão.” São palavras de um grão-senhor, e o gesto com que sua mulher nos enche o copo e nos parte o pão é um gesto de grande dama. Saímos reconfortados para a chuva e para o frio.

Deixando Montilocco, pegamos uma estradinha que nos leva a Ronchi di sopra, Ronchi di sotto e, afinal, à Capela de Ronchi, a 1.045 metros de altitude. Como todas essas capelas que serviam de posto de observação durante a guerra, e que a artilharia visava, ela foi reconstruída.

Nevou pela madrugada, mas agora o sol brilha e olhamos lá para baixo, para o sul, para reconhecer as posições em que nossos homens tanto sofreram no inverno, sob a vista do inimigo. Uma placa de mármore diz que as tropas alpinas ajudaram a reerguer a torre.

### Em Mazzancana

Quando descemos, tomamos uma estrada à esquerda para Mazzancana. São duas casas separadas perto de uma colina que vai até 952 metros de altitude; mas esse nome, Mazzancana, soa sinistro para os brasileiros. Em todos os ataques ao Monte Castelo havia sempre um fogo partindo da esquerda, de Mazzancana. Nossa artilharia sempre bateu este ponto, mas os alemães estavam bem abrigados.

O velho camponês dono destas terras (seu nome perdeu-se em minhas notas) leva-nos agora até o ponto mais alto, longe das casas, onde ficavam os alemães; mas agora as árvores, crescidas, prejudicam a visão do Monte Castelo, de Guanela e Vitelini. Ele passou a guerra aqui, convivendo com alemães e aliados, cuidando de sobreviver, e nada

mais. Diz que habitualmente os alemães não tinham muita gente nas posições avançadas: entre o Belvedere e o Castelo não tinham mais de 74 homens na primeira linha. Estranhamos o número tão preciso, e ele sorri:

— É que eu contava as marmitas que vinham da retaguarda para distribuir entre os homens nos *appostamenti*...

### Monte Castelo: uma obsessão

Voltamos a Gaggio e agora tomamos a rota do Monte Castelo. Durante cerca de três meses, esse nome foi uma obsessão para os brasileiros.

Monte Castelo queria dizer metralha, queria dizer sangue, queria dizer morte — e era um desafio.

Se o leitor perguntar a um italiano culto, bom estudante de geografia, onde fica o Monte Castelo, ele não saberá responder; ou então indicará um outro Monte Castelo, pois é mais que provável que existam outros montes com esse nome. O “nosso” aparece nas cartas de escala 1 por 25.000, que eram as usadas na guerra, mas em um mapa da província de Bolonha, de 1 por 150.000, ele já é omitido. O viajante que segue pela estrada em que ora vamos poder passar por ele sem perceber, porque nada tem de espetacular: de encostas relativamente suaves que sobem até 977 metros de altitude, não mais de 200 metros acima do nível médio da estrada, está cercado por montes mais altos e mais escarpados, é apenas um espigão que avança para o sul dessa crista de picos acima de 1.000 metros de altitude, que vai do Monte Belvedere ao della Torraccia e se prolonga até o Terminale. Foi certamente por isso mesmo que se entendeu que por ali passava nosso caminho para Montese ou Castel d’Aiano, para o Vale do Panaro, o Pó, o norte da Itália.

A primeira vez que os brasileiros atacaram o Castelo foi no dia 24 de novembro de 1944: era o Batalhão Silvino (III do 6º RI), o Esquadrão de Reconhecimento e um pelotão de nosso Batalhão de Engenharia, dentro da heterogênea Task Force 45 do general Rutledge, de que participavam uma brigada de artilharia antiaérea funcionando como infantaria e elementos de uma divisão de negros americanos.

O ataque seguinte foi no dia 25, quando vim aqui a Bombiana, ao PC do batalhão, com dois correspondentes americanos e o inglês Harry Buckley, que pela primeira vez visitava o nosso *front*. Esse relatório da Reuters fizera toda a Guerra da Espanha, sobre a qual escreveu um grosso livro cuja edição inteira desapareceu em um incêndio durante o bombardeio de Londres, antes de ser distribuída. Depois fora mandado para a guerra do deserto, onde ficou gravemente ferido pela explosão de uma granada. Passara muitos, muitos meses

em um hospital, e era a primeira vez que voltava ao *front*. A primeira e a última: quando as granadas começaram a explodir perto de nosso jipe, Buckley ficou pálido e trêmulo; enjoara da guerra, não aguentava mais, acabou indo fazer reportagem política em Roma. O estrondo das granadas lhe estracalhava a alma, como já lhe havia estracalhado o corpo: ele todo se contraiu. Quando um guerrilheiro italiano nos gritou *buona sera!*, saudando a tarde, ele ainda teve espírito para dizer: *Sera non buona*.

Esse dia 25 de novembro foi um dia de derrota: alguns pelotões chegaram a conquistar alguns pontos, mas não conseguiram se manter, e quando perguntei como iam as coisas a um capitão barbudo e enlameado, ele fez uma careta e disse apenas:

—Essa m... não vai.

### *O general fila cigarros*

Três dias depois, à tarde, os correspondentes de guerra foram chamados ao QG Avançado, em Porretta. Foi uma reunião a portas fechadas, com certa solenidade. O major Souza Júnior, depois de dizer que confiava em nossa absoluta discrição, introduziu-nos na sala do Estado-Maior. Não me lembro se o general Mascarenhas estava presente nem se foi ele ou o coronel Lima Brayner quem nos falou no ataque que seria desencadeado na manhã seguinte; lembro-me de que, diante de um grande mapa, o coronel Amaury Kruel, chefe da 2.ª Seção, mostrou-nos as posições ocupadas pelo inimigo e falou das forças que ele provavelmente tinha naqueles pontos; depois, o coronel Humberto Castelo Branco disse quais as unidades nossas que atacariam, e onde. A seguir, foi perguntado se algum dos correspondentes queriam assistir ao ataque. Depois de uma consulta sobre os meios de comunicação com a retaguarda, todos disseram que preferiam ficar no QG; apenas eu, que não tinha franquia telegráfica e, portanto, não me importaria de ser “furado”, aceitei o convite.

Lembro-me de que ao anoitecer segui em um jipe, subindo a estrada cheia de lama e de buracos, na escuridão: pelos dois lados do caminho avançavam penosamente a pé, no terreno escarpado e escorregadio, os homens que iam atacar no dia seguinte. A certa altura, eu mesmo tive de deixar o jipe e continuar a viagem a pé durante algum tempo, até chegar a uma casa que era um posto de comando. Lá dentro, diante de mapas, oficiais se consultavam ou discutiam. Chegavam informações pelo telefone, partiam ordens, mas o clima de apreensões era pesado. Até alta madrugada, vi que continuavam a passar lá fora, na lama, na escuridão, os homens cansados, silenciosos, que iam ocupar posições para o ataque.

Dormi um pouco no assoalho, entre alguns soldados, mas me le-

vantei cedo e fui para um posto de observação próximo — uma simples trincheira cavada na encosta, afastada da casa, onde estavam os generais Mascarenhas de Moraes e Zenóbio da Costa com outros oficiais. Nossa artilharia começou a bater as posições inimigas que eu procurava identificar na paisagem e no mapa: Mazzancana, Fornace à esquerda, o Castelo e uma série de pontos até Abetaia, Falfare... Pelas oito da manhã, os infantéis começaram a avançar: o Batalhão Uzeda, do 1.º RI, à direita, o Batalhão Cândido, do 11.º RI, à esquerda.

Apoiado ao barranco, o general Mascarenhas acompanhava com o binóculo a progressão de nossos homens; o general Zenóbio, sempre valente e gostando de mostrar que o era, ficou em pé lá fora, também a olhar pelo binóculo, o que podia não ser bom para ele mas também não o era para nenhum de nós: os alemães certamente notaram seu vultoso, à distância, porque uma chuva de obuses não tardou a cair junto de nosso observatório. Essas explosões ficaram depois intermitentes, ora mais afastadas, ora bem próximas, fazendo tremer o nosso chão. E iam chegando os informes: pelotão da 7.ª chegou à cota 760 a oeste de Falfare, a 8.ª Companhia arremetia para 887; a 3.ª Companhia do capitão Mandim atingia a meia encosta do Castelo... Depois, um tal pelotão estava detido por uma barragem de morteiros, o inimigo atirava de metralhadoras na cota tal; os carros de combate americanos estavam empacados; o capitão Mandim, ferido na cabeça...

O general Mascarenhas ouvia as informações, olhava pelo binóculo, às vezes consultava o mapa — e a certa altura me bateu no ombro, fazendo o gesto de quem fuma. Expliquei-lhe que meu cigarro era muito forte, Liberty Ovais; ele certamente fumava cigarro americano, como quase todo mundo. Pegou o cigarro assim mesmo, e pouco depois pedia outro, que acendeu nervosamente. Filou-me, no total, seis ou sete cigarros: era o primeiro ataque sob a sua responsabilidade, confiara na vitória, e lá estavam nossos homens agarrados ao terreno ou regredindo; continuavam a chover as granadas alemãs por toda parte, as metralhadoras matraqueavam na distância, passavam para a retaguarda em macas os homens feridos, banhados em sangue, que as ambulâncias levavam...

Por volta do meio-dia, a cara feia da derrota era bem nítida: voltei as costas àquele maldito Castelo ponteados de fumaça de obuses, misterioso e inacessível, e peguei uma carona numa viatura qualquer para a retaguarda. No dia seguinte me disseram que tivemos 185 baixas. Escrevi uma longa, minuciosa reportagem sobre esse ataque, minuto por minuto. A censura cortou-a.

### *Uma noite ruim*

Lembro-me daqueles dias de depressão; na noite de 2 para 3 de dezembro, uma tropa nova, do 11.º RI, que ainda não estivera na fren-

te, substituiu nas posições o Batalhão Uzeda; os pracinhas inexperientes que chegavam olhavam impressionados seus companheiros sujos, exaustos, das companhias desfalcadas pelo combate, que seguiram para a retaguarda. O inimigo sentiu esse movimento na zona Le Roncole. Guanella e mandou alguma patrulha de reconhecimento. Os novatos assustaram-se, começaram a atirar desabridamente com metralhadoras e morteiros, pediram socorro aos canhões... Houve pânico, houve oficiais que recuaram sem ordem; houve também os que acudiram com destemor, bradaram aos homens, tomaram a frente para erguer os ânimos.

O ataque seguinte ao morro do Castelo, feito por um batalhão do 1.º e outro do 11.º RI, não foi anunciado aos correspondentes. Pelo contrário: ouvimos murmúrios na véspera, mas no dia ficamos sem vistas, e pela tardinha soubemos do fracasso do ataque, com 145 baixas. Nunca entendi por que o comando não quis que os jornalistas acompanhassem este ataque.

O Castelo só foi conquistado a 21 de fevereiro, em uma ofensiva da 10.ª Divisão de Montanha e nosso 1.º Regimento, que no dia seguinte conquistou ainda duas alturas além do morro, o ponto 958 e La Serra. Se vocês quiserem esse combate contado por um repórter, leiam o livro do Joel Silveira, porque naquele dia eu estava... em Nápoles. (Um oficial do Estado-Maior me dissera que não haveria novidade até o fim de fevereiro, e eu estava enjoado daquela guerra parada nas montanhas cobertas de neve, e tinha ido esperar um novo escalão da FEB.)

### Em Bombiana

Agora, em 1969, passei por Abetaia quatro vezes e não mandei o carro parar; foi só mais tarde, ao rever minhas notas, que reparei nisso. Talvez porque essa palavra Abetaia tivesse para nós um som sinistro. No inverno 1944-45 não havia ninguém ali: Abetaia era terra de ninguém, uma aldeia fantasma de casas bombardeadas e vazias. Muitos soldados nossos tombaram lá; de uma só vez pereceram 17, em posição de ataque, comandados por um sargento — 17 mortos que ficaram sepultados pela neve e só puderam ser recolhidos em fins de fevereiro. Os alemães jogavam folhetos de propaganda, concitando nossos homens a desertar com esta frase: "Lembrem-se dos mortos de Abetaia!"

Prefiro saltar do carro em Bombiana: agora, o fantasma sou eu, um homem cheio de recordações que se deixa mover por vezes de 25 anos atrás, no meio destas aldeias tranqüilas dos Apeninos. Passa um sujeito de bicicleta e eu o chamo. Pela idade, deve se lembrar de alguma coisa. Peça-lhe que me diga o nome daquelas aldeias, daquelas casinhas, daquelas montanhas. Ele aponta ali perto Abetaia; depois Spon-

della, Paradiso di sotto, Paradiso di sopra. Estes nomes não estão em minha carta de campanha; são nomes novos, com certeza. Mas o monte lá no fundo continua a ser o Castelo, e para o seu lado direito ele mostra Valle di sotto e Valle di sopra; mais para o fundo, Cravullo. Estes são nomes familiares, só que antigamente havia apenas um Valle. Faço outras perguntas, mas ele se desculpa: está muito ocupado, tem muito o que fazer... Vai montar em sua bicicleta novamente, quando pergunta de onde somos. A palavra "Brasil" tem um efeito mágico: o homem apressado encosta a bicicleta a uma casa, diz que se chama Silvio Paltrelli, é *cantoniere comunale*, foi *partigiano* aqui durante a guerra, andou muitos dias com tropas brasileiras. Se vamos tirar fotografias, é melhor subir aquele morro ao lado.

Subimos a colina a pé, lentamente. Não se trata de nenhuma proeza de alpinismo: em cerca de 800 metros, galgaremos 90 metros de altitude até o ponto que no mapa está assinalado como Casa M. de Bombiana. Tenho certeza de que um dia subi, por este mesmo caminho, esta mesma colina: mas isso foi há 25 anos e 15 quilos atrás... Paro para respirar melhor; vejo buracos no chão, o Silvio me explica que ali há toupeiras. Ouço um canto de pássaro desconhecido, variado, melódico, e quero saber seu nome. Silvio diz que é a *allódola*. Mamprin diz que não sabe como é em português, em francês é *allouette*, e eu exclamo: "Cotovia!"

Lembro-me de uma noite, no começo da primavera de 1945; cheguei exausto à aldeia de Pavana depois de quatro dias na frente e me joguei vestido na cama para dormir: dentro de meu sono, eu ouvia que um pássaro cantava lá fora, cantava sem parar; acordei cedo, contei à velha italiana, dona da casa, que eu sonhara a noite inteira com um pássaro cantando: ela disse que não tinha sido sonho, era um rouxinol a cantar na amendoeira ao lado da janela.

Aos 14 anos de idade, li uma paráfrase de Shakespeare em que a amante dizia ao amado que não partisse ainda, que não era a cotovia que estava cantando, ainda era noite, era o rouxinol... "e ela abriu-me os braços e eu ficava", dizia Bilac. Só agora, um senhor de cabelos brancos, ouço a cotovia, e isto me dá uma emoção pueril.

A casa no alto do morro tem um enorme rombo em uma parede; comento que é o primeiro sinal de guerra que vejo neste dia: todas as casas das aldeias em que passamos ou são novas ou estão reconstruídas. Mas Silvio explica que aquele estrago não foi tiro de canhão, foi um raio que caiu no verão passado.

Enquanto Mamprin bate fotografias. Silvio vai me apontando, a sudoeste, Guanella e Vitellini; deve haver 300, 400 metros entre um grupo de casas e outro, mas ali era um caminho para subir ao Castelo, era a terra de ninguém que os homens atravessavam caçados pelas metralhadoras. Ele me diz que aquelas árvores no Monte Castelo são castanheiros não muito grandes: nasceram no lugar dos que foram des-

truídos pela guerra, mas não produzem castanhas: os frutos nascem secos, as árvores têm uma *malattia*. Não, a *malattia* não foi produto da guerra, é uma praga mesmo que deu nessa região, os castanheiros agora só valem para lenha.

Quando voltamos a Bombiana, Silvio nos apresenta a um cidadão que está saindo de casa: é Adelmo capitani. Sua irmã, Clara, casou-se com um oficial brasileiro, Glauco de Castro e Silva. Ele nunca mais voltou aqui, mas Clara veio duas vezes visitar a família.

### Torre di Nerone

“Uma rels mulateira” — foi assim que falei desta estrada em uma crônica escrita em março de 1945 e que está em meu livro *Crônicas de Guerra*.

“Mulateira” é como a gente chamava qualquer *mulattiera*, caminho de burros na montanha. Pois as coisas melhoraram: e estradinha que agora sobe da *Ruota 64* perto de Riola em direção à Torre di Nerone continua estreita, mas está asfaltada: vamos por ela.

A mulateira dá muito bem para a nossa Fiat. Quanto àquele adjetivo “relas”, se explica: a gente sempre usava um adjetivo de má vontade quando falava dessa estrada que “vem em ziguezague, ora correndo para o focinho do alemão que está no morro à direita, ora para o focinho do alemão que está no morro à esquerda”, como digo no meu livro de crônicas.

E digo também:

“Há uma curva, à direita, no alto, que é impossível passar com muita tranqüilidade: a gente praticamente roça as barbas do tedesco.” Talvez seja esta curva que a gente faz entre Palazzo e Castellaccio, não me lembro mais.

Estive aqui no começo de março de 1945, visitando o 2.º Batalhão do 6.º RI, e dormi em uma espécie de adega, em um desses casarões, com o Dr. Hélio Reis Leal, do Posto de Saúde Avançado, um pracinha enfermeiro, um velho italiano e sua rosada e loura filha. Não dormi muito tranqüilo: alguém me contou que fora por aquela janela alta, no paredão de pedras, que dois meses antes haviam entrado os estilhaços da granada de tempo que feriram gravemente o capitão Germano Travassos, comandante da 6.ª Companhia do 6.º RI, chegado pouco antes à frente, e o tenente Mário Márcio Cunha, observador da Companhia de Obuses do mesmo regimento e atleta famoso. (Explicação bagunçada para o leitor paisano: granada de tempo é a que é lançada para explodir depois de tantos segundos, geralmente poucos metros acima do solo, para que seus estilhaços possam atingir o adversário abrigado; a artilharia usa ainda granadas de percussão, que explodem quando batem em um obstáculo, e de retardó, que rebentam algum tempo depois de cair.

Qual será o casarão em que dormi aquela noite? Deve ser um desses aqui de Palazzo. O camponês Guglielmo Gentilini me conta que durante a guerra havia brasileiros em todas estas casas; ele se lembra principalmente do tenente Curvo, um excelente rapaz. Em toda esta zona, os camponeses se lembram do tenente Curvo e pedem notícias dele. (Não as dou, para não entristecer essa gente: o tenente Marques Curvo morreu, já tenente-coronel, assassinado da maneira mais estúpida, quando comandava uma guarnição de fronteira.) Vamos até Castellaccio e Ca' d'Orsino. Subimos ainda mais, até Le Coste, onde somos convidados a tomar um vinho na casa de Santina Masetti (“os brasileiros me chamavam de D. Santinha...”), onde pararam, há 25 anos atrás, o tenente Nonato e o tenente Franklin.

Agenore, o marido de D. Santinha, esteve preso pelos alemães e depois pelos brasileiros; das duas vezes, ela conseguiu soltá-lo, berrando a favor de seu homem, pai de seus filhos, perguntando se os soldados também não tinham mãe, não sabiam o que era uma família! Lembra que o tenente Nonato era muito gentil e gostava muito do vinho de maçãs, que ela fazia com tanto carinho.

Logo acima de Le Coste está a famosa Torre di Nerone, o único Posto de Observação que os brasileiros tinham sobre a retaguarda inimiga. Agora há outra construção à sua esquerda: uma casa feita pelo pároco de Africo. Lembro-me de que acordei certa madrugada para subir à Torre di Nerone e acordei o capitão Sousa Júnior, mas o luar era tão claro, que deixei para outra noite que nunca houve. Durante o dia era suicídio subir até a Torre, pois os alemães de um lado poderiam caçar o imprudente com tiro de fuzil. Lembro-me de ter visitado os *foxholes* aqui ao lado com o capitão Sousa Júnior; encontrei o tenente Castelo, de São Paulo, o tenente Jofre Saliés, o tenente Paulo Prates, cunhado do Flávio de Aquino, o capitão Leônidas... Era a posição mais perigosa de nossa guerra de inverno, e para a gente descer para a Estrada 64, era conveniente pedir uma chuva de morteiros nas elevações vizinhas, para que os inimigos não tivessem tempo e gosto para ajustar a pontaria.

### Gino, o garoto

Foi na noite de 3 para 4 de novembro que os brasileiros ocuparam essas posições da Torre di Nerone; só a 5 de março puderam chegar aqui em cima, ao Soprassasso. Encontraram apenas uma casa em ruínas; agora há três, e seguem tão fielmente o modelo das velhas casas de montanha com o estábulo no andar térreo, onde ficam as gordas e imensas vacas leiteiras, que parecem construções de antes da guerra. Essas casas não ficam no ponto mais alto (688) do morro, e sim uns 200 metros atrás. É preciso ir lá na frente para ter boa visão dos dois

lados: Montecavalloro, Precaria e Castelnuovo para nordeste, Turziانو, Torre di Nerone, Affrico, Volpara para oeste. E lá embaixo, para o sul e para oeste, o Vale do Reno, com as águas do rio brilhando às vezes entre dois morros; mais distante, a ponte de Marano.

Não é de admirar que os alemães relutassem tanto em largar esta posição e Castelnuovo, que lhes davam um comando magnífico sobre uma boa parte de nossa frente. Ainda encontraremos aqui sinais de antigas posições alemãs: quem nos acompanha nessas caminhadas é o camponês Gino, que durante quatro meses viveu com os brasileiros. — Eles me chamavam de garoto — Gino tinha 13 anos e se lembra ainda de muitas frases e palavras em português, que repete rindo: — “Garoto, vai apanhar água.” “Garoto, toma uma bolacha.” “Me-tralhadora.” “Canhão.”

Sabe que “prego” em português quer dizer *chiodo*. Lembra-se também do tenente Curvo, e ainda do sargento Costa, do sargento Savóia, do soldado Amaro, um mulato muito alegre e simpático que morreu na guerra. Gino nos faz andar até outras antigas posições alemãs, depois faz questão de que entremos em sua casa, nos apresenta à sua mulher jovem e gorda e aos dois filhos, abre uma garrafa de vinho, pede que falemos em português, quer ouvir brasileiro falando...

#### Em Sassomolare

Quem vai de Porretta para Montese pode subir em Silla e passar por Gaggio-Montano, mas preferimos deixar a estrada principal em Marano, passar junto a Colpara e La Vigne, deixando lá embaixo, à esquerda, Rocca Pittigliana, e seguir por Santa Maria Villiana e Pietra Colora. Em Santa Maria nos detemos um pouco para olhar a paisagem: um rapaz da terra nos aponta a oeste uma igreja em cima de um morro: é o Oratório della Sassane, e me lembro que estive lá quando o 2º Batalhão do 11º ocupou: havia um Cristo sem cabeça, com um dos braços caído... Pergunto se já reconstruíram a igreja, o rapaz me diz que não, agora é que estão coletando dinheiro para isso. Acrescenta que é um passeio muito bonito, que vale a pena a gente ir até lá. Tocamos para Pietra Colora. Podíamos ir diretamente para Montese, mas na encruzilhada, em Canevaccia, há uma seta apontando para Sassomolare: foi dali, do Posto de Observação da divisão, um pouco acima da aldeia, que assistimos ao ataque a Montese, no dia 14 de abril de 1945. Vamos a Sassomolare.

Uma velha camponesa nos ajuda a distinguir os montes e povoações na paisagem linda: daqui assistimos à guerra como quem assiste a um filme em cinerama, sentado em uma poltrona confortável e acolhedora.

Lá está Montese, no fundo, com a torre alta de sua igreja. A cida-

de esprou-se pelas abas de suas colinas, há uma alegria de telhados novos que se enfileiram ao longo dos caminhos e ponteiavam a paisagem, ligando entre si as minúsculas povoações. Lá no alto, na extrema direita, a velha nos mostra Montello; depois, Paravento, Montebuffone, Serreto, Creda... ali perto é Il Cerro, depois Casone, o morro da esquerda é Montaurigola...

Naquela manhã distante, com um sol igual a este, esses nomes nos chegavam em informes rápidos, nesses três dias que passamos ora aqui, ora no PC do Batalhão Sizenò, ou no PO do general Cordeiro: vinham pelo telefone e pela voz nervosa dos *hand-talkies* que os tenentes levavam. No meio do estrondo das artilharias inimigas, um inferno de explosões e fumo, nossos pelotões avançavam:

“Amorim estava no ponto 751, Amorim era hostilizado de Creda, Amorim pede artilharia sobre Creda, Amorim se aposa de Creda.. Amorim ferido... Amorim apóia Mega, que ataca 778... Mega ferido... Mega morto... Apolo ataca 758... Rauen avança...”

O tenente Hélio Amorim Gonçalves, ferido, sem poder andar, continuou a comandar seu pelotão até que teve ordem terminante de vir para a retaguarda; o segundo-tenente Francisco Mega, do Rio, da última turma da Escola Militar, tombou ali na frente de seus homens; o tenente Ary Rauen, um mocinho louro, de olhos azuis, de Canoinhas, Santa Catarina, partiu dali, de Montaurigola, desceu a ravina, avançou encosta acima em direção a Montese, caiu morto. O tenente-dentista Rui Lopes Ribeiro, de Curvelo, Minas Gerais, que era estudante de medicina, ofereceu-se como voluntário para socorrer os primeiros feridos ali em Montaurigola e caiu morto em combate...

“O capitão Sidney está sem notícias do pelotão do tenente Iporan... o pelotão Malheiros ataca 759... o tenente Iporan pede para suspender o fogo sobre Montese, o tenente Iporan está dentro de Montese, em um campo de minas, o tenente Iporan desaloja o inimigo da torre da igreja de Montese...”

Lembro que dormi num canto qualquer, acordei cedo no dia 15 para assistir à continuação do ataque, e assim também no dia 16, no dia 17. E essa vitória de Montese acabou com um sabor de derrota — a 7ª Companhia do capitão Olegário Memória, do 11º RI, ficou com seu efetivo reduzido à metade, o capitão Hélio Portocarrero de Castro, da 7ª Companhia do 6º RI, foi ferido em ação. Montello e a cota 888 continuaram a resistir, a despejar fogo sobre nossos homens, o ataque paralisou-se, em três dias tivemos 426 baixas.

Os americanos, que haviam empacado com baixas fortíssimas no

dia 14, avançaram afinal para o norte, e os alemães tiveram de recuar. Enquanto nosso carro avança para Montese, penso naqueles dias do canhoneio incessante, de sangue e de confusão: não há nenhum sinal disso na paisagem brilhante de sol, nos campos preparados para a sementeira, nas árvores em que brilham as primeiras folhas e flores da primavera, nas povoações quietas à beira do caminho. Subimos a colina ao lado do cemitério, vamos entrar em Montese, mas somos detidos por uma barreira civil: um sinal de trânsito nos proíbe avançar, nos obriga a contornar a cidade pela esquerda: hoje é dia de feira. Gente de todas essas montanhas e vales veio a Montese vender e comprar; a praça está animada, os cafés cheios, o sol brilhante. Vamos até Serreto e Montebuffone tirar uma fotografia de Montello, Ca' de Beretta, 888 e voltamos à cidade. Hesito em puxar conversa com essa gente endomingada, falar de guerra, uma guerra de 25 anos atrás...

Que sabe de nós essa gente? Nossos canhões destruíram suas casas; depois nos entocamos em suas adegas e sobre nós choveram os obuses dos canhões inimigos; depois partimos para o norte, entre nuvens de poeira, com nossas feias máquinas de guerra: aqui deixamos apenas buracos, escombros, mortos.

Montese está toda nova, garrida, no seu dia de sol e de feira; partimos sem falar com ninguém, contidos por um misterioso pudor.

### *Em Collecchio*

Quando perguntei ao general Cordeiro de Farias pela sua Artilharia, em Vignola, ele me respondeu:

— Agora não tenho mais nada a ver com a Artilharia: sou gerente de uma empresa de transportes...

É que o inimigo fugia com tal velocidade, que as viaturas da Artilharia estavam sendo usadas para transportar os soldados. Eles avançaram assim, pelo sul da Via Emilia, liquidando aqui ou ali pequenos focos de resistência inimiga, se deslocando atrás do Esquadrão de Reconhecimento que ia passando por uma série de cidadezinhas da planície: Sassuolo, S. Polo d'Enza, Montecchio...

Foi na tarde de 26 de abril que o esquadrão esbarrou com uma força inimiga séria, na entrada de Collecchio: eram dois batalhões de uma divisão alemã. A notícia chegou pelo rádio ao QG, e imediatamente seguiram para Collecchio forças do 11º RI e, pela madrugada, uma companhia do 6º. Desde o começo da noite, a igreja foi atacada pelo pelotão do tenente Rocha Loures, enquanto o pelotão do sargento Gonçalves atacava o cemitério. O inimigo reagia com metralhadoras, lança-rojões e canhões. A luta foi dura...

— Eu havia chegado aqui um mês antes — conta-me Dom Carlo Forrini, pároco da Igreja de San Prospero de Collecchio — mas não

podia dizer missa na igreja porque os alemães estavam lá dentro; lá e no cemitério. Aqui em frente à minha casa tinham cavado trincheiras. Houve tiros de canhão e metralhadoras a noite inteira, e pela manhã os brasileiros atacaram com mais força...

O padre nos aponta a torre de sua igreja, ainda carimbada de sinais de guerra. Foi ali que, entre os fogos dos canhões anticarros e lança-rojões, subiu o soldado Mateus dos Santos, em uma hora de perigosa confusão na luta que os nossos homens, chegados na escuridão, travavam nas ruas de uma cidade plana e desconhecida, e orientou o fogo de nossos morteiros contra o inimigo.

Agora, ao lado da igreja há um cinema, que dá renda para as obras de caridade de Dom Carlo. Ele nos obriga a entrar em sua casa e tomar um café; diz que viu quando um soldado alemão, feito prisioneiro, matou um pracinha nosso, que o conduzia e mais alguns outros, com um tiro do revólver que trazia escondido. Isso aconteceu ali mesmo, no oitão da igreja — mas não tenho nenhuma notícia desse incidente contado pelo padre. Pergunto-lhe onde fica o Castelo Villa M. Padori, que foi também um foco duro de resistência nazista em Collecchio no dia 27 de abril de 1945.

— Castelo Villa M. Padori...

Explico-lhe que é perto da estação, assim está escrito nos relatos de guerra. Perto da estação ferroviária, o que existe é a casa do finado marquês de Paveri, onde hoje vive sua filha, Maria Tereza, agora condessa Santucci Fontaneli, porque se casou com um conde. O casal é seu amigo, pode telefonar para lá avisando de nossa visita. O conde e a condessa estão em Milão, só chegam amanhã — mas nós podemos procurar lá a velha empregada, que certamente mandará abrir os portões.

Dina Tanze, que desde menina serve à família do marquês, recebeu nos na escadaria do nobre casarão e nos mostra a grande sala onde, em 1945, se instalaram os telefones de campanha de um posto de comando alemão. A casa fica junto à cidade, mas no meio de parque, e as terras se prolongam por uma quinta ao longo da estrada que vai para o norte. Dina lembra-se daqueles dias terríveis, no fim da guerra, quando os canhões e as metralhadoras espalhavam a morte, e não apenas os velhos tapetes, até o assoalho da casa foi estragado, os móveis arrebatados, e havia mortos e mortos tombados entre as árvores.

### *Aqui foi a rendição*

Quem de Collecchio vai para o sul não custa a chegar à Ponte Scodogna. É uma localidade de poucas casas, quase todas do lado direito de quem vai para o sul; ao longo da estrada, ao lado esquerdo, há algumas elevações que seguem até Gaino e Fornovo di Taro. Foi de um

lado e outro desse vale que os brasileiros avançaram para deter a tropa alemã que vinha da região de La Spezia e procurava abrir caminho para o norte.

Creio que as coisas aqui não mudaram muito. Há um edifício de três andares, com sacadas nas janelas, pintadas de novo, mas ele já existia naquele tempo; um morador da terra se lembra de que ali havia muitos aparelhos e rolos de fios de telefone; depois há um sobrado e afinal um outro, amarelo, com uma porta para o lado, onde creio que era o PC do major Gross.

Aqui, os homens do 6.º RI se chocaram no dia 28 com elementos da 148.ª Divisão alemã; nesta estrada lutava o 1.º Batalhão (Gross), enquanto o 2.º (major Oest) avançava pela esquerda e o 3.º (major Silvino) pela direita; um pelotão de Engenharia comandado pelo tenente Paulo Nunes Leal e os três pelotões do Esquadrão de Reconhecimento tomaram parte nesses combates que duraram até as 10 da noite.

Pelas 11 horas da noite do dia 28, apareceram vultos na estrada com bandeiras brancas: era o chefe do Estado-Maior da 148.ª Divisão alemã que vinha de Fornovo com dois outros oficiais negociar a rendição. O major Gross mandou-os para o PC do regimento, em Collechio, e o coronel Néelson de Melo deteve-os lá enquanto ia a Montecchio avisar ao general Mascarenhas. Este deu instruções ao chefe de seu Estado-Maior, coronel Lima Brayner, e ao chefe da 3.ª Seção, coronel Castelo Branco, que à 1:30 da madrugada se encontraram em Collechio com os parlamentários alemães, com quem discutiram pontos menores da rendição. Às 5:30, os três oficiais alemães deixaram Collechio de volta a Fornovo, ao mesmo tempo que cessava o fogo de nossa artilharia. No dia seguinte, 29, ao meio-dia, conforme fora combinado, os parlamentários alemães vieram até o PC do major Gross, em Scodogna, onde estava, então, o general Mascarenhas de Moraes, que fixou a ordem, local e hora de apresentação da tropa alemã, começaram a sair. Naquela mesma tarde, apresentou-se o general italiano Mario Carloni, comandante do que restava da Divisão Itália; o general Fretter-Pico, comandante da 148.ª Divisão alemã, só se apresentou no dia seguinte, 30, às seis horas da tarde, depois de entregues todos os seus homens. Foi nesse dia que cheguei de Bolonha, de cujo hospital fugira, pois estava curado das contusões que sofrera e tinha só duas fraturas num dedo da mão direita.\*

#### *Em Neviano di Rossi*

Agora deixamos Ponte Scodogna e seguimos para o sul: logo chegamos a Gaiano. Foi aqui, pelas cinco da tarde do dia 28 de abril de

\*A esta altura da reportagem de *Realidade*, transcrevi o trecho de meu livro *Com a FEB na Itália* em que conto a apresentação do general Fretter-Pico com toda a sua divisão.

1945, que a 2.ª Companhia do 6.º RI foi detida por um fogo nutrido de morteiros e metralhadoras anti-aéreas dos inimigos. O antigo comandante dessa companhia, capitão Ayrosa, resolveu vir em sua ajuda, e arremeteu pela estrada em uma viatura, com o soldado Hilário Décimo Zanesco (de Amparo) e o sargento Ápio Aleluia, indo de encontro a uma barricada alemã feita com dois carros atravessados na estrada. Uma bazucada foi disparada à queima roupa contra os alemães, e estes fizeram estourar uma mina que feriu os três brasileiros. O sargento portou-se bravamente, enquanto o soldado morria e o capitão passava a noite, gravemente ferido à margem da estrada, sendo levado preso ao amanhecer para uma casa de fazenda ali ao lado, onde se instalara um posto avançado alemão. No dia seguinte foi libertado e socorrido pelos brasileiros. É essa casa que procuramos agora, em 1969: o dono da propriedade chamava-se Cesar Bonzi.

E foi assim que perdemos, Mamprin e eu, duas boas horas entre Gaiano e Fornovo: vários cidadãos de idade foram convocados para descobrir onde era, em 1945, a casa de Cesar Bonzi. A gentileza italiana é fabulosa, e tirânica. Já entardecia, nós tínhamos de ir adiante, mas era impossível: toda a gente maior de 50 anos nessas aldeias parecia ter sido mobilizada, em um raio de vários quilômetros, para localizar a casa de Cesar Bonzi. Um cidadão subiu ao nosso carro, nos fez ir a uma casa distante onde supunha que morava agora Cesar Bonzi e na verdade não morava ninguém, e tivemos de trazê-lo de volta, e então já havia mais três ou quatro pistas de Cesar Bonzi. Investigamos as mais prováveis, acabamos tendo de fugir literalmente, tocar a Fiat enquanto eles nos faziam sinais amistosos.

#### *Dom Alessandro*

Depois de entrar em Fornovo, atravessamos o Rio Taro, para ir bater umas chapas em Falegara e San Andrea, voltamos para a margem direita, subimos por uma estrada entre colinas (um faisão passou correndo em frente de nosso carro) até Neviano di Rossi, uma aldeia mínima, cujo pároco, Dom Alessandro Cavalli, nos conta como a 27 de abril de 1945 serviu de mediador entre brasileiros e alemães, com o fito de evitar mais derramamento de sangue. Dom Alessandro andou a pé de um lado para outro, mas os alemães só se convenceram de que deviam entregar os pontos depois das sangrentas refregas do dia 28.

Está velho Dom Alessandro, mas é um velho cordial que nos recebeu cá fora entre muitas galinhas gordas. (Um parêntese: agora reparo quanta galinha gorda, bonita, eu tenho visto na Itália nesta viagem de 1969, e me lembro de que em 1944, 1945, isso não acontecia. É claro: galinha não podia durar muito, logo virava canja de soldado...)

Dom Alessandro mostra-nos uma placa inaugurada ali na igreja com a presença de nosso embaixador d'Alamo, quando ele foi condecorado pelo governo do Brasil. Tem muitas condecorações, e topa alegremente posar com todas penduradas na batina: a Medalha de Guerra, a Medalha de Mérito Militar e a Cruzeiro do Sul, do Brasil, e várias medalhas militares italianas da Guerra da Líbia, em que ele foi telegrafista, e da I Guerra Mundial, quando foi capelão.

Já estamos dentro da casa, onde ele vive com uma velha empregada meio biruta: enquanto Mamprin fotografa o reverendo, ela me chama a um canto e me pede dinheiro. Fico admirado, finjo não entender o que ela diz:

— O Brasil dá muita medalha, muito diploma, muita fita para o padre, devia dar era dinheiro! Onde está o dinheiro? — E me estende a mão para que eu lhe dê dinheiro.

Dom Alessandro parece notar a atitude da empregada, porque lhe dá ordem de ir apanhar o vinho. Ela traz o vinho — é o mesmo que serve para a missa — e cinco taças: Dom Alessandro conta as taças e me dirige um olhar significativo: a pobre mulher é mesmo tanta. Dom Alessandro não é rico, mas não deve lhe faltar nada: esta casa do pároco, ele a construiu com suas humildes e porfiadas economias, e doou à paróquia, conforme está escrito lá fora em uma placa de mármore. O vinho é doce, é ruim, mas Dom Alessandro diz estar contente de falar com brasileiros; ali naquele quarto, naquela cama, dormia o major Oest, bravo homem; lembra-se do coronel Néelson de Melo, do coronel Brayner, do marechal Mascarenhas, que o visitou aqui mesmo nesta casa alguns anos depois da guerra e depois lhe mandou um exemplar de seu livro em que há uma fotografia dessa visita.

O vinho é doce, é ruim, mas Dom Alessandro nos trata com carinho tão autêntico e tão simples e tão comovente como eu só conheci mesmo nesses camponeses das montanhas italianas.

### Valeu a pena

Foi por isso que valeu a pena voltar. Às vezes me senti deprimido nesta revisita ao palco de uma guerra distante, mas valeu a pena voltar para sentir que aquela gentileza dos camponeses italianos que abriam um sorriso e uma garrafa de vinho para o soldado estrangeiro é a mesma com que hoje acolhem o visitante desarmado a quem não têm nada a pedir, de quem não têm nada a temer.

Não mandamos à Itália 25.334 anjos em 1944. A nossa tropa, como toda tropa de ocupação em país estrangeiro, e mesmo em seu próprio país, praticou abusos e crimes. Mas eles foram raros, e foram punidos sempre que descobertos, e não é a eles que está associado, na memória e no sentimento do povo italiano da Toscana e da Emilia,

o nome de *brasiliano*. Sempre que, notando meu italiano precário e bárbaro, alguém perguntou minha nacionalidade e ouviu esta palavra — *brasiliano* — senti que dissera uma senha de amigo: era uma porta e uma alma que se abriam. A FEB era bem um resumo do povo do Brasil, não só porque tinha soldados de todos os seus Estados e de todas as classes sociais e níveis de cultura, como porque levava todos os seus defeitos e improvisações, todas as suas incoerências e mitos, todas as falhas e virtudes desse povo. Pois estou convencido de que, dentro da modéstia de nossas forças, o pracinha brasileiro deu o seu recado, cumpriu sua missão. E a sua melhor vitória me parece a ressonância de afetos e de saudades que ainda guarda, entre as paredes de pedras dessas casas isoladas da montanha, no coração da gente simples e boa da Itália, esta palavra: *brasiliano*.

(Revista *Realidade*, Ano IV, n.º 40 de julho de 1969.)

IN: BRAGA, Rubem. "Crônicas da guerra na Itália". Rio de Janeiro: Record, 1996, 3ª edição, pag. 287-317.